



Por: Ricardo Cunha Teixeira

Calçada artística de São Jorge (Parte 1)

Este artigo é dedicado ao trabalho desenvolvido há cerca de 20 anos por Miguel Gouveia, formador em calcetaria portuguesa e artística.

Em jovem, Miguel estudava e nas férias trabalhava na construção civil para ganhar algum dinheiro. Chegou a fazer de tudo um pouco, desde ser-

ventia de carpintaria e pintura até trabalho com alumínio. Aos 21 anos, quando se mudou para as Caldas da Rainha, surgiu pela primeira vez a oportunidade de trabalhar em calcetaria. Desde logo, Miguel sentiu interesse por esta arte: "O que eu vi na calçada foi uma auto-estrada aberta para a minha afirmação pessoal!" Na altura, não havia muitos calceteiros. Além disso, o trabalho era bem pago e não exigia grande investimento: "Para além de um martelo e de duas pás, pouco mais era necessário do que uma forquilha e uma vassoura. Com empenho e dedicação, tinha uma forma de pagar as minhas contas."

De início, Miguel encarou a calcetaria apenas como uma forma de ganhar o seu sustento, pois sabia que não iria conseguir o que pretendia com um mero emprego convencional: "Sempre fui ambicioso. Queria estudar, viajar e ter as coisas de que gostava." Chegou a pensar em ficar apenas uma meia dúzia de anos a trabalhar em calçada, o tempo suficiente para ganhar algum dinheiro que lhe permitisse tirar uma licenciatura em História, uma das suas grandes paixões. Tal acabou por não se concretizar: "Houve um ano em que não entrei no curso de História em Coimbra por 2 décimas! A vida nunca é como a gente quer..."

O destino levou Miguel a investir muito mais nesta arte do que inicialmente tinha previsto. A passagem de empregado a patrão surgiu com naturalidade: "Quando os mestres iam à merenda, eu pegava no martelo e, assim, comecei a colocar as primeiras pedras sozinho. Essas experiências tiveram que ser refeitas apenas nos primeiros 3-4 dias. Daí em diante, fui aperfeiçoando as técnicas de calcetaria. Passados 6 meses, comprei uma carrinha, o equipamento necessário e comecei a fazer obras por minha conta." Acrescenta ainda: "Ser patrão também é um estado de alma!"

Miguel considera-se um autodidata que aposta no perfeccionismo, profissionalismo e empreendedorismo: "Gosto de ser o melhor no que faço, quando tal não acontece fico chateado!" O formador explica em pormenor as várias fases que compõem o trabalho do calceteiro: preparação da caixa (remover plantas; aplanar e compactar o espaço a calcetar); extração dos níveis (definir as cotas da obra e o escoamento das águas); serventia de pó e pedra (colocar uma almofada de pó e pedra, de forma a permitir um assentamento eficaz); execução do trabalho artístico (através de desenhos e moldes); execução da calçada; colocação de betume (fazer uma mistura a seco de pó de pedra ou areia com cimento e colocar nas juntas da calçada; este passo é muito importante porque garante a fixação do piso); compactação e verificação do desempenho (compactar o pavimento e corrigir pequenas diferenças de altura); betume com aguada de cimento (com areia e cimento, faz-se uma mistura líquida, que se volta a meter nas juntas, o que garante a uniformização do piso, pois durante a compactação as juntas voltam a abrir); afagar e polir (particularmente se for uma calçada interior); limpeza e conclusão (limpar e esfregar a calçada com areia e água de forma a retirar a sujidade).

Para além dos trabalhos desenvolvidos nos Açores e Madeira, Miguel Gouveia tem deixado a sua marca pelo mundo fora: Espanha, França, Alemanha, Suíça, Itália, Luxemburgo, Bélgica, Suécia, Dinamarca, Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales. O formador destaca as técnicas de aplicação de calçada mais comuns: a antiga calçada à portuguesa, que se caracteriza pela forma irregular de aplicação das pedras (figura 1); o malhete, semelhante mas com mais espaço entre as pedras (figura 2); a calçada portuguesa clássica, que tem uma aplicação em diagonal, segundo um alinhamento de 45 graus com os muros ou lan-

Opinião cis (figura 3); a calçada à fiada, com as pedras alinhadas em filas paralelas (figura 4); a calçada circular (figura 5); a calçada sextavada (figura 6); a calçada artística, que se caracteriza pela aplicação de pedras com formatos específicos e/ou pelo contraste de cores (figura 7); o Mar Largo (figura 8); o leque segmentado (figura 9); o leque florentino (figura 10); e o rabo de pavão (figura 11). Segundo Miguel Gouveia, "Antigamente aplicava-se mais a calçada à portuguesa e o malhete. A partir da segunda metade do Séc. XX evoluiu-se gradualmente para a calçada portuguesa clássica. O leque florentino e o rabo de pavão são muito similares, muda apenas a forma de execução, com ou sem molde, e a ausência ou presença de um espaço na base do leque. Além disso, é possível misturar várias técnicas numa mesma obra. Por exemplo, dentro dos leques pode-se aplicar as pedras de forma irregular, em diagonal, ou à fiada."

Há cerca de 6 anos, Miguel desenvolveu uma nova técnica de colocação das pedras da calçada, que designou por leque em concha (figura 12). Esta técnica difere da dos outros leques pelo facto de a posição dos arcos ser aleatória, pelo que se adequa melhor aos espaços irregulares dos pátios franceses: "Tinha de arranjar uma maneira de fugir aos penosos remates! Além disso, fica ainda mais bonito o efeito final. Sinto-me muito feliz por ter desenvolvido um novo tipo de aplicação, onde supostamente nada mais havia a inventar."

Em termos matemáticos, os trabalhos em calcetaria podem ser analisados como pavimentações do plano. Surgem, assim, exemplos de pavimentações não periódicas (calçada à portuguesa e malhete) e de pavimentações periódicas, como as pavimentações com retângulos (presentes muitas vezes na calçada à fiada) e com polígonos regulares: quadrados (calçada portuguesa clássica e calçada à fiada) ou hexágonos regulares (calçada sextavada). Deixo ao Miguel o desafio de construir pavimentações com triângulos equiláteros, tarefa que não é impossível para este mestre da arte de calcetaria!

Numa próxima oportunidade, analisarei o trabalho desenvolvido pelo Miguel em São Jorge. Para já, os leitores mais curiosos podem apreciar algumas das suas obras em www.calcadaportuguesa.blogspot.com.

